

PERSONA NON GRATA

Silvia Cobelo¹

- Como se declara a parte acusada?

- Inocente, Meritíssimo.

A última frase é dita por um microfone. A pessoa que responde, a qual não podemos revelar nome sexo ou idade, está detrás de várias paredes de chumbo, completamente isolada. Mas para que tanta segurança? Seria de tão alta periculosidade a ponto de não poder comparecer ao júri, mesmo que algemada e devidamente escoltada? Poucos sabem o quanto esse ser é perigoso, podemos até chamá-la e sem exagero, do *Homo sapiens sp* mais perigoso do planeta.

Quase ninguém sabe a verdade, mas eu, como profissional consciencioso da área de comunicações, onde nosso dever é com o público e não com os que protagonizam as notícias, tenho a honra de proporcionar-lhes com a verdade. E vocês sabem que quando eu escrevo algo é porque pesquisei, procurei várias fontes bibliográficas, entrevistei especialistas e todas as partes envolvidas, assim como acusação e defesa. Eu posso endossar como verdadeiros meus trabalhos jornalísticos.

Todo esse blá-blá-blá acima é só porque o que vou revelar é algo por demais incrível – na concepção literal da palavra, não crível, extraordinário, é sobre o poder de ler pensamentos, pronto, disse. Faça uma pausa para digerir. Em inglês seria *mind reader*, alguns chamam de telepático – mas não, pois este ser não se comunica com ninguém, é uma rua de mão única, só ele “ouve” o que as pessoas pensam.

Pense. Reflita um instante o que isso significa. Primeiro do ponto de vista de quem tem o dom. Pode facilmente ganhar todos os debates, tomar a dianteira nas ações, sem dizer de todas as atividades ilícitas, como roubar no jogo, mentir e furtar idéias. Já o outro, a pessoa a ter todos seus pensamentos compartilhados, temos duas situações: se ela não souber, não vai se afligir, mas será facilmente ludibriada, desnudada sem dó nem perdão. Se ela souber, é o inferno, como estar ao lado de alguém que sabe todo o tempo de tudo que passa em sua cabeça? É muito mais que estar nu, é ficar completamente fragilizado por uma situação onde temos que estar policiando tudo isso. Pensou? Cuidado que tem gente

¹ Primeiro lugar no concurso de contos **Movimento Literário Mirinha 2004/2005**
silviacobelo@hotmail.com

que pode checar se você pensou ou não e se pensou, o que foi que você pensou e está pensando agora.

Quero fazer justiça. Vou contar um pouco sobre essa pessoa, a qual chamaremos de Z. Hoje sabemos que Z é simplesmente um mutante. Uma minúscula duplicação de uma parte de um cromossomo provocou uma pequena malformação cerebral a qual promove uma recepção das ondas cerebrais emitidas quando pensamos – as mesmas que desenham o eletro-encefalograma. Z simplesmente capta essas ondas e as reconverte no pensamento que as provocou.

Z descobriu cedo que podia saber o que os outros pensavam. Começou com seus pais. Ouvia tudo que seus pais não diziam e muitas vezes se assustava com a diferença do que era dito e o pensado, os paradoxos que rodeavam as relações entre os adultos, hipócritas se dava ao prazer de pensar bem alto – sabendo, que ninguém ouvia.

Depois na escola, sabia que a professora não via a hora que acabasse a aula para ligar para seu namorado, com quem havia dormido na noite anterior. Z também conhecia todas as ambições e medos de seus colegas de classe, cada pequeno detalhe – todos temiam, odiavam Z. Diziam que tinha um pacto com diabo.

O mesmo aconteceu quando foi para a faculdade, igual. No trabalho, o mesmo. Era difícil ter amigos, parceiro amoroso então, nem se fala. Ninguém pode sentir-se confortável numa situação dessa. A única pessoa que não tinha problemas era seu irmão down, Tin. E o inverso também era verdade. Z e Tin ficavam horas brincando, cantando, conversando numa língua especial só deles. Outra pessoa era a avó deles, Cármen. Como ela falava tudo que pensava, ouvir seus pensamentos era mera redundância. Mas ela tinha mais de noventa anos e muito lúcida avisava: *Não vou ficar pra semente!* E não ficou mesmo. A morte de sua avó arrasou Z, mas o que derrubou foi quando seu irmão Tin caiu junto com um avião para Disneyworld.

Sem ter nada que o prendesse lá, Z foi morar em outra cidade, onde ninguém sabia que ele podia ler pensamentos – os quais decidiu não mais ouvir. Z havia aprendido a fazê-lo há algum tempo, era como um botão de rádio, o qual aprendera a desligar.

Sem querer envolveu-se na política. Elegeu-se deputado e depois senador e quando trabalhava na sua reeleição resolveu checar as verdadeiras intenções dos seus correligionários. Ficou chocado com o que “ouve”. Por detrás de toda a plataforma solidária a parcela carente da população, cheia de projetos culturais e incentivos à educação

e esporte, estavam projetos de fraudes perfeitas, sangrias horrendas coaguladas de orçamentos milionários e fraudulentos. Mas ele não tinha como provar. Não ainda. Começou a juntar provas. Tudo servia: recibos, conversas gravadas, documentos fotografados, escaneados, filmados.

E é por isso que ele está sendo julgado hoje. Não por ler pensamentos como afirmam. Por medo de terem seus pensamentos descobertos, os integrantes do circo judicial pediram que Z não estivesse no mesmo espaço físico, e ainda dentro dessa sala especial, a depor, em voz destorcida, sobre suas capacidades telepáticas – as quais foram usadas em seu favor, segundo a acusação, de maneira insidiosa, inclusive para eleger-se. O que é uma mentira. A verdade é que ele viverá dentro de uma cela de com paredes de chumbo por ser *persona non grata*.

E como posso ter tanta certeza? Porque entrevistei o Z antes deste julgamento e posso afirmar, com conhecimento de causa que Z aprendeu com sua avó a dizer o que pensa. Eu assino embaixo e dou fé – tenho a mesma mutação.

OBS: Confesso que este relato não é originalmente uma idéia minha, mas do estudante que o pensou, enquanto estava sentado na minha frente no ônibus para a universidade.

São Paulo, três de julho 2004